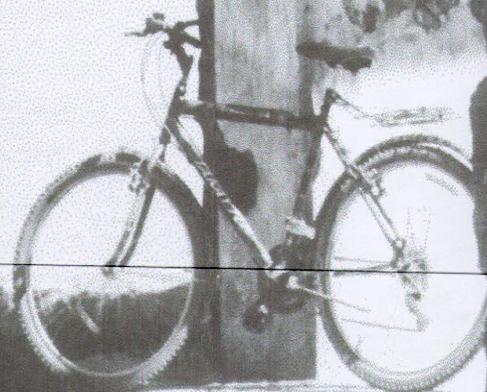


Cotidianas



Magru Florian

Cotidianas
cotidianas
cotidianas
cotidianas
cotidianas
cotidianas
cotidianas

—
—

POESIAS DE UM CIDADÃO OPRIMIDO

MAGRU FLORIANO

DEDICATÓRIA

A

UM AMIGO QUE FICOU PELO MEIO DO CAMINHO
MAS QUE JAMAIS FOI ESQUECIDO:

ROLAND SCHLENKER

FICHA TÉCNICA:

Fotografia - Ronaldo Silva

**Diagramação e arte-final - Eduardo da
Hora**

**Revisão dos originais - Sílvia Sant'Anna
Braga dos Santos**

APRESENTAÇÃO DO EDITOR

Redescobrir-se a cada dia é aprender a valorizar um pouco mais a vida. Surpreender a todos - inclusive a si mesmo – é um ato de bravura de coragem, que justifica-se pelo simples fato de tentar definir-se, compreender-se e resgatar do seu cotidiano momentos que formam o que de mais sublime existe nas pessoas: o simples fato de ser humano.

Surpresa é elemento que não falta em Magru Floriano. Do antigo mestre, por exemplo, surpreendeu-me a obstinação e o companheirismo na busca pelo fazer literário em Itajaí, pela conquista de espaço no restrito cenário dos autores catarinenses. Daí a publicar seu primeiro livro foi um passo, uma consequência. Mas, como não poderia deixar de ser, a forma deste seu trabalho inaugural constitui-se numa segunda e inesperada surpresa.

De Magru Floriano sempre esperava um tratado, um romance, um discurso. Qual foi o emaranhado de dúvidas quando me apresentou seus originais e solicitou uma avaliação. Surpresa: era um livro de poesias.

Confesso que não esperava encontrar em “Cotidianas”, a riqueza de informações, a sensibilidade de poeta, o lirismo e as desventuras que jamais imaginei pudesse Magru Floriano ter coragem para tornarem públicas. Suas poesias revelam sentimentos, dissabores e expectativas que estimulam o leitor a prosseguir sempre um pouco mais, conhecer o próximo verso, a próxima poesia.

Por isso mesmo, o livro Cotidianas – Poesias de um Cidadão Oprimido, é uma obra que merece e convida a uma nova leitura. Através dela, o leitor é convidado a participar do processo de redescoberta, vivenciando momentos e sentimentos que construíram no autor sua personalidade crítica e ativista mas, sobretudo, repleta de ação em busca do auto-desenvolvimento.

Magru Floriano admite, em seus versos, que “sempre foi daqueles que ousam sonhar”. E, através de “Cotidianas”, revela ser a ousadia maior do que o sonho. Revela ser capaz, também, de realizar.

Quanto a mim, impossível negar que orgulha-me o privilégio de ter sido convidado a uma prévia avaliação da obra de Magru de Floriano. Mais do que o resgate de uma amizade fundida em ouro pelo passar dos anos, mais do que uma função como presidente da Academia Itajaiense de Letras (mesmo porque é cargo passageiro), cumpre-me anotar que a riqueza da obra inserida nas páginas de “cotidianas” é um convite ao leitor à refletir sobre o seu dia-a-dia e valorizar cada momento. Pois foi nos detalhes deste dia-a-dia, que Magru Floriano aprendeu a extrair a matéria prima para a construção de sua obra.

ADILSON AMARAL
Jornalista e presidente da Academia de Letras (1997/1999)

APRESENTAÇÃO

Sempre que um livro é publicado, deixa no gesto a transmutação daquilo que era memória em verbo. Assim aconteceu com Hélio Floriano dos Santos que construiu-se, enquanto poeta, em Magru Floriano.

O profissional e amigo dispensa apresentações. Quanto ao poeta, surge em plena maturidade. Ele vela e revela a palavra contida e que necessita se manifestar.

Ao ler e reler **Cotidianas - poesias de um cidadão oprimido**, a todo instante busquei em Magru floriano versos que o definissem enquanto poeta. E os encontrei quando ele afirma que

*“O poeta é principalmente um alquimista
que tudo transforma em emoção”.*

Ser alquimista... esta é uma das funções do poeta, e ele o desempenha com excelência. Contudo, a emoção que se instaura por meio de seus versos tem duas faces ou dois momentos, conforme o viés utilizado: a memória e a ideologia.

Enquanto memória, recordações da minha juventude foram resgatadas em passeios pelas ruas de uma Itajaí que eu conheço desde a década de 50. As madeiras próximas ao porto, o apito do trem, as águas não poluídas do Itajaí-açu, o matraquear dos peixeiros vendendo charuto, o bar Dinamarca, os festivais de inverno, o carro de mola, as casas do São João, a rua Blumenau entre outras tantas realidades que são revisitadas.

Ao acessar ao código, imagens invadiram-me e confesso que senti saudades de um tempo que pensei cristalizado, esquecido. Foi uma sensação gostosa que me trouxe a certeza de um tempo bem vivido.

A outra emoção advém da ideologia. Quem conhece Magru Floriano sabe das angústias que sempre estiveram presentes em seu viver. Pertencço à geração dele. Uma geração limitada sim, por atos de exceção, mas não silenciada. Tínhamos consciência de que

*“nosso existir é longo, é curto.
Há tempo para tudo fazer,
e depois há tempo para brincar de desfazer”.*

Magru Floriano “brincou de desfazer” na medida em que permitiu que sua consciência se transformasse em verso. E toda a ideologia subjacente a uma vida manifestou-se.

Assim, surgem conceitos que bem corroboram a função social do poeta:

*“Não basta dizer
não basta falar...
É necessário falar alto.
Mais ! Muito mais alto !.”*

Denunciar... este seria o verbo apropriado ao poeta. Mas com uma ressalva: denunciar para conscientizar e provocar mudanças.

*“Se a maioria cala
Se a maioria amolda-se
Se a maioria cabisbaixa caminha em ordem...
Uns poucos não calam
não se amoldam ou baixam suas cabeças”*

Com certeza um deles é Magru Floriano, para quem a sociedade sempre foi um manancial de questionamentos, dúvidas e angústias, que desembocam em um “querer para todos” e em um “poder dizer”.

Agora posso dizer aos meus filhos: tenho um amigo-poeta.

Nair Therezinha Pereira da Silva

DE COMO QUASE ME CONSTRUI COMO UM POETA

Ou

LIMPANDO AS GAVETAS DA VIDA

Ou

PRÓLOGO

Escrevi o meu primeiro livro de poesias, em total clandestinidade, quando tinha cerca de treze anos de idade. Estava em pleno impacto das novidades trazidas pela pré-adolescência, incluindo nessas novas experiências a descoberta do sexo oposto e todo o fascínio que as mulheres trazem em seus olhares de canibais.

O livro era um manuscrito, porque naquela época a máquina de escrever era uma raridade nas casas das pessoas de classe média-baixa. O próprio papel era uma preciosidade. Lápis, papel, caneta a tinteiro, tudo era muito complicado para se conseguir. Como escrever poesia não fazia parte das atividades oficiais da escola, não podia usar o meu único caderno escolar para anotar as poesias. Conseguia folhas avulsas de cadernos mas, a principal fonte fornecedora era a venda do seu Marcelino e os sacos de papel amarelado.

No final do ano escolar, ali pelo final da década de sessenta, tive a idéia de pegar todas as folhas que sobraram dos cadernos dos meus irmãos para montar um caderno de poesias. Arranjado o papel, comecei a escrever freneticamente. O tema quase único era o amor, que eu jurava ser eterno, por uma vizinha.

Apesar da escola nos obrigar a decorar poesias dos clássicos como Gonçalves Dias, Cruz e Souza, Cecília Meirelles, Olavo Bilac e Castro Alves, contraditoriamente todos consideravam poesia como coisa de "marica", de afeminado. Por este motivo, sempre guardei os meus manuscritos em lugar seguro. Isto é, em baixo do meu colchão. Afinal, era assim que meus pais e avós guardavam os seus trocados.

Um dia, contudo, ao sentar a mesa, família reunida, o pai sentado em uma extrema como mandava a tradição da época, a mãe servindo a mesa para seus sete filhos, quando repentinamente meu pai tira do bolso de sua calça o meu caderno "secreto" e começa a ler para todos as minhas poesias de amor, expondo todos os meus sentimentos, inclusive

alguns simplesmente inconfessáveis. Todos riram muito de mim. No final, meus pais ainda ralharam comigo, por eu estar gastando papel, lápis e tempo de estudo com besteira.

Ao reaver o caderno, rasguei-o em milhares de pedaços e coloquei fogo para Ter certeza de não sobrar um verso sequer, que poderia cair novamente em mãos erradas. A partir daí, passava horas a fio andando de um lado para outro tentando memorizar minhas poesias para que não precisasse mais escrever e passar novamente por um grande vexame. Como a minha memória nunca foi das melhores, acabei deixando de lado os versos, vencido pelo cansaço e pelo medo de ser ridicularizado, em especial junto ao meu grupo de amigos.

Mas, alguma coisa me impulsionava para a expressão artística. Foi na falta da poesia que acabei, então, encontrando o desenho. Estudava no Colégio Salesiano junto com o Roberto Abílio de Souza, que era um grande desenhista. Como a gente saia do bairro São João todos os dias a pé até o colégio, acabamos reforçando nossa amizade desenhando, em especial, revistinhas pornográficas, denominadas de "catecismos". Das revistinhas passamos rapidamente para a fórmula 1, montando junto com o José Luiz Franzói e o Élder Ferreira, um clube de desenhistas de carros de corrida. Assim, o desenho preenchia, de forma razoável, aquela lacuna deixada pela poesia.

Nesta fase, os meus cadernos da escola eram todos desenhados, como é hoje o meu caderno de anotações do curso de mestrado. Eu virava a capa do caderno e fazia na contracapa grandes figuras. Eu fui o primeiro Surrealista Figurativista de Itajaí. Em uma cidade onde todos desenhavam e pintavam paisagens, pessoas ou obras com motivos religiosos, não tardou a vir a censura e a repressão.

Um dia, minha mãe, cansada de assistir ao que qualificava de desperdício com o dinheiro que meu pai "custava tanto para ganhar" me intimou a parar com aquelas "palhaçadas". Não parei, é claro ! Apenas, novamente transferi os meus desenhos para outros materiais. Aproveitava, por exemplo, o verso das cartolinas velhas que tinham servido para fazer trabalhos de aula.

Com o desenho em grandes espaços, acabei tendo a idéia de também escrever no mesmo espaço. Assim, unia o desenho e a poesia, utilizando dos mesmos recursos. Junto aos amigos fiz até, um relativo sucesso como desenhista. Não posso reclamar. Um pouco depois, já estudando no científico do colégio Salesiano, fiquei amigo do Léco Malburg, que acabou me ensinando algumas técnicas em nanquim e cheguei a Ter aulas particulares,

junto com Carlos Alberto Niehues, com o grande pintor Domingos Diniz. Cheguei a fazer algumas telas a óleo, e foi tudo.

O importante desta época é que o desenho acabou me devolvendo a poesia. Contudo, o mundo em que vivia oferecia muitos mais obstáculos a um candidato a poeta, do que a censura ingênua da família. Um pouco mais crescido, consciente do momento político delicado que vivia o Brasil, em plena ditadura, ingressei nas fileiras do Movimento Democrático Brasileiro, através da Juventude Manda-Brasa, iniciando uma história de oposição sistemática ao regime ditatorial. A minha arte passava a ser uma arte engajada. A partir daí, nada do que fosse feito seria desvinculo da questão política. Não era a arte pela arte, mas a arte como instrumento de luta política.

Utilizava os desenhos, a poesia e o teatro para denunciar politicamente. No teatro participei timidamente do grupo FOLK, com Carlos Alberto Niehues, Darcy da Silva Júnior, Eduardo da Hora, Renato César Bini, todos intelectuais de primeira grandeza no cenário cultural itajaiense, como o tempo depois se encarregaria de evidenciar. Fiz parte de uma geração de jovens talentosos, mas que acabava não querendo muita coisa com a política. Mesmo assim, o MADI - Movimento de Artes Dramáticas de Itajaí, evento que promovemos com grande repercussão em Itajaí na década de setenta, acabou enfrentando sérios problemas com a Polícia Federal, encarregada pela censura às letras. Promovemos também a I COLETITA, no local onde hoje funciona o Museu Histórico de Itajaí, no Palácio Marcos Konder, e também tivemos muitos problemas com a censura.

Na luta contra a ditadura acabei me juntando a um pessoal com trânsito em todo o Estado de Santa Catarina. Junto com os artistas brusquenses Luís e Jorge Grimm, mais um jovem de Tubarão chamado Guedes, promovemos o PROJETO FLOR MORENA, chegando a promover exposições em praça pública nas cidades de Laguna, Brusque, Itajaí e Blumenau.

Na poesia, promovia os varais literários. Aprendi com Alcides Buss, Grimm, Guedes e todo o pessoal alternativo, a simplesmente puxar um fio de barbante entre uma árvore e outra, e pendurar as poesias, desenhos, etc. Eu acabei aprimorando a idéia, utilizando o verso de embalagens de sabonete, pasta de dente, para além de denunciar a ditadura aproveitar para fazer uma crítica mais consistente contra a sociedade de consumo. Promovi muitas exposições do tipo "varal" na rua Hercílio Luz, em frente às escolas, na praia de Cabeçadas. Sempre exposições "relâmpago" para não dar margem para a Polícia

Federal me pegar dando bobeira.

Mais na frente, tive a oportunidade de viver em Curitiba por quatro anos, onde estudei na Universidade Federal do Paraná, junto com Darcy da Silva Júnior, Renato César Bini e Carlos Alberto Niehues. Tive a oportunidade de militar em movimentos políticos mais consistentes, inclusive de grupos radicais vinculados á UNE - União Nacional dos Estudantes, que naquela época tinha suas atividades postas na clandestinidade pelo regime ditatorial. Como resultado direto dessa militância estudantil, junto aos Diretórios Acadêmicos Rocha Pombo e Anísio Teixeira, aprendi a fazer jornais e revistas, com tecnologias mais sofisticadas e até mais bem elaboradas tecnicamente.

Voltando para Itajaí, acabei montando vários jornais junto com Delfim de Pádua Peixoto, Luis Antônio Cechinel e o casal Walter e Anita Pires, todos vinculados ao MDB. Fui mais além, cheguei a montar uma pequena gráfica clandestina na garagem da minha casa, na rua João Bauer. Junto com Paulo Pinheiro, lancei diversos exemplares de revistas, no mimiógrafo a álcool, como SKETCH e PIA MATER. Naquela época os versos eram assim: "ARENA É DE FUDÊ...MDB PRA VOCÊ" .

Foi assim, que acabei entrando para a profissão de jornalista. Renato Mannes estava precisando de um repórter no tradicional jornal A NAÇÃO, dos Diários Associados / Rede Tupy, de Assis Chateaubriand. Vi, neste convite, uma oportunidade de aprofundar minha luta contra o sistema ditatorial e aceitei de pronto. Depois fomos todos para o JORNAL DE ITAJAÍ, onde tive a oportunidade de experimentar um alto grau de liberdade intelectual. Desta época muitas poesias acabaram enchendo as gavetas da minha escrivaninha.

No final já contava com cerca de quatro livros de poesias, completos, prontos para serem editados. Não passaram, contudo, pela mais eficiente e ardilosa das censuras, que é a autocrítica, por ser definitiva e espontânea. Por conta disso, deixei os livros jogados em uma gaveta qualquer, que o tempo esqueceu de devolver a chave.

Em 1997, contudo, estava freqüentando o curso de mestrado e a professora Marilde Sievert, iniciou diversos exercícios para que os seus alunos escrevessem com criatividade, liberdade e paixão. Acabei mergulhando de cabeça nestes exercícios, que me levaram a fazer uma triagem das poesias antigas e até tomar a iniciativa de compor novas poesias. O resultado do trabalho da Marilde foi a elaboração deste livro COTIDIANAS : POESIAS DE UM CIDADÃO OPRIMIDO.

Editar este livro portanto, é antes de mais nada um exercício de limpar as gavetas

que durante toda a minha existência ficaram abarrotadas de escritos clandestinos. Por isso mesmo, este é um momento de zerar um passado, prestando contas de tudo. Só assim, acredito, posso viver tranqüilamente o presente e pensar com esperança no futuro: limpando as gavetas da vida, saindo disso tudo sem mágoa, a todos perdoando e esperando ser perdoado.

Que a publicação deste livro seja também um irrestrito pedido de desculpas e um estrondoso anúncio de perdão. Limpas as gavetas, que a vida sorria para todos nós.

MAGRU FLORIANO

ENGANO

Vivemos maltratados pelo destino
Arcados pelo sopro deste vento taciturno
da existência.
Marcados como gado
pelo ferro em brasa da insensatez.
[Resta-nos apenas a intuição de que
ainda há motivos para se ir em frente].

Vivemos com melancolia
e damos forma a este chumbo derretido
a que chamamos destino.
vagamos aturdidos como cachorros sem dono
e perdemos o rumo...
[ou nunca o tivemos ?].

Nos estraçalhamos em prantos
mergulhando em dúvidas cotidianas
por nada...
Acabamos fazendo da busca por felicidade
suave mortalha.

Nos enganamos
pra podermos dar mais um passo
acreditando que amanhã poderá ser diferente.
Nos equilibramos e também nos desequilibramos
Desgastamos como sabão
implorando não viver em vão.
Sofremos,
e tentamos ser feliz , sendo qualquer coisa...

---***---***---

Mas que diferença isto tudo faz ?
Que diferença faz
você ser materialista ou idealista;
cristão , judeu , muçulmano , taoísta ou budista;
ser adepto da gestalt ou de Freud;
ler Rousseau , Karl Marx , Smith ou Van Daniken.
Que diferença tudo isso faz...
se acima de sua cabeça
uma ogiva nuclear está assobiando
a tétrica cantiga da morte sem propósito ;
se ao seu lado [sentado em um banco de praça]
um estranho desmaia de fome e frio
sem que você tenha compaixão.

A gente é que estuda
e é a gente mesmo que aperta os botões
ou toma as decisões...

---***---***---

Não...eu digo não !
Não existe motivo para se viver
[e por mais contraditório que isso possa ser]
também não existe motivo para se morrer.
Os motivos estão ausentes
[definitivamente ausentes de nossas vidas].
Restam-nos os mistérios ...
e a sabedoria de nada querer além disso.

---***---***---

Somos todos mesquinhos
e morremos como mosquitos
[levando tapas ou inalando inseticidas].
Vís, sem propósitos.
Perfilamos como formigas
pela trilha da insatisfação [ou da resignação].
Como palhaços malabaristas
andamos rentes ao abismo da auto-destruição .

A vida não passa de uma pequena frase
sem palavras , sem sujeito,
sequer tem verbos ou faz sentido.
É uma frase composta de reticências...

---***---***---

A grama cresce
e eu me pergunto.
O sol nasce
e eu me pergunto.
E é perguntando que eu vou
por esta vida insólita.

RESISTINDO

Devo cuspir
pela janela.
Abrir os braços.
Vestir uma roupa qualquer.
Escovar os dentes
e sair...

Devo cuspir.
Pelo cotidiano ir
mundo afora.
Pelos mesmos becos
ir longe.
Pelos mesmos trilhos
ir além.

Devo cuspir
vendo as mesmas coisas,
vendo tudo novamente:
tudo velho a cada dia novo
que cuspo pela janela,
que começo cotidiano.

Eu cuspo no mundo para resistir...

A FACE DO PODER

E Jesus voltou à terra para conversar com seus irmãos sobre seu pai .
Então disse Jesus a todos os homens :
"Irmãos ! Estou muito preocupado com nosso pai .
A idade lhe é por demais avançada e ele anda conduzindo de forma muito estranha os desígnios do mundo.
A bem da verdade estou até agora sem entender porque ele preferiu me deixar morrer pregado na cruz,
dando um péssimo exemplo para as crianças .
Mas, tudo bem....
Agora, a coisa ficou muito mais séria.
Imaginem, meus irmãos , que ele andou recebendo uns conselhos de um tal de Nostradamus..."

Todos os homens ao entenderem nas palavras de Jesus Cristo a ameaça de que Deus cumpriria tudo o que está escrito no Apocalipse,
esbravejaram ao mesmo tempo uníssonos :
"vamos internar o velho em um asilo !"
Jesus então completou :
"Meus irmãos, mas quem comandará os destinos do mundo ?"

A partir daí a reunião virou uma grande algazarra.
Todos os homens começaram a brigar contra todos os homens, como se fossem lobos...lutando para conseguir o maior pedaço de carne putrefata possível para si .

Eis aí a verdadeira face do poder :
ele é essencialmente egoísta .

PESADELO

Ah , meu irmão,
que mundo mais doido é esse?!
Onde não há mãos estendidas
só o silvo contínuo e unísono de ogivas nucleares.
Onde as feridas à flor da pele não cicatrizam
e o sangue tinge a terra ,
enquanto os aviões povoam o céu .

Ah, irmão,
que pesadelo mais terrível e insano é este.
Não há mais árvores , nem amor , nem esperança
e o marketing já expropriou
até o choro da criança .

E os homens todos, desnorteados ,
misturados ao ferro-velho ,
são fundidos em uma metalúrgica coletiva,
virando peças de canhão .

ACABOU

Não há mais tempo,
não há mais lugar.
Os motivos foram-se por aí
e as intenções estão dispersas...
Não há mais sentimentos,
razão de ser, de ter, de querer.
A humanidade ficou tísica,
acabrunhada, hemofílica.
E a vida reduziu-se a uma simples
probabilidade matemática.

Não há mais porquês.
São tantos e não mais existem...

Não há mais feijão
e eu não posso comer silogismos.
Não há mais mel
e eu não posso comer fibra ótica.
Não há mais legumes
e eu não posso comer democracia,
sequer DOI-CODI, FBI e CIA .

Não há mais tempo...
Exíguo que foi, nestes milênios
em que o homem ficou sem tempo.
Não há mais tempo,
não há mais lugar,
não há mais sentido em continuar,
ter ou estar .

O MUNDO DO "SE"

Como seria diferente
se fosse diferente

Como seria engraçado
se fosse engraçado

Como seria respeitoso
se fosse respeitoso

Como seria uma droga
se fosse uma droga

Como seria silencioso
se fosse silencioso

Como seria...
se fosse...

A MATEMÁTICA DAS GUERRAS

Fazendo as contas é mais lucrativo incentivar o ódio.	A máquina soma para dar razão
25	A Kant
25	a Nietszch
25	a Kafka
25	a Leibniz
1,25 t	a Descartes
A máquina soma	a si própria.
O homem soma	89
e concluem :	98
a morte	89
sai muito mais	98
em conta .	89
44	98
55	5,61 t
66	Tudo se justifica
77	Há sempre uma razão
88	justa
3,30 t	para se fazer
continuando a somar	uma nova guerra,
Deus torna-se	criar favelas,
inflacionário	deixar morrer de fome
e o amor torna-se	sem distribuir
inviável .	as sobras...
Soma	66
A máquina soma	99
O homem soma	66
e está tudo	99
sempre certo	4,95 t
racionalmente	fazendo as contas
correto	o ódio faz muito mais sentido !

APENAS

Quando o vento sul
vier decidido a varrer
as lápides cinzas e frias
do Cemitério Municipal,
espero que a minha morada
 [última e derradeira]
não esteja entre elas todas
com seus vasos de crisântemos murchos
jogados ao chão
entre folhas ressequidas de uma aroeira
e um maço de cigarros vazio e amassado
 ali abandonado melancolicamente
 por alguém que mais uma vez
 sentiu muitas saudades...

Quando vier finados
ou todas as quartas-feiras
de todas as semanas,
que meus amigos
não tenham de se ajoelharem
perante uma cruz
apoiando seus joelhos nus
no mármore lapidado
com uma inscrição em dourado :
"aqui jaz ..."

Quero apenas que meu corpo
não seja açoitado infielmente
pelo vento frio
mas que seja por ele levado.

Que meu corpo - feito cinzas -
se espalhe imperceptível, sutil e livre
por entre a mata verde.

Que tenha as folhas dos palmitais,
das aroeiras e figueiras
como sepulcro definitivo.

 Ou pelo menos até que venha a
 próxima chuva e as lave de mim.

E que parte de mim então,
escorra regato afora
precipitando-se com a água
barrenta de uma enxurrada...

Enquanto outra parte

 [que o vento por acaso

 tenha conseguido levar aos céus]

venha a cair com os pingos
dessa mesma chuva de final de março
e que me faça ficar no meio da rua
numa poça d'água onde as crianças
inocentes e desavisadas de minha existência
simplesmente brincam...

Como pó

quero visitar todas as casas do "São João"
Seus telhados e móveis,
Peregrinar pelo mundo
dos que ainda são .

Que parte de mim apenas
engrosse a poeira da Estrada Geral
dos "Machados".

PASSA-TEMPO

Do meio tom de tua voz
à claridade indecisa e trêmula
de uma vela posta ao canto
sobre um velho bidê.

Da futilidade das tuas palavras,
jogadas sempre ao acaso,
às insistentes revoadas das cortinas
que se agitam e cobrem tudo a sua volta
açoitadas por um vento que anuncia
a chuva do final de uma tarde de verão.

Do teu olhar perdido
ao meu olhar perdido
tudo não passou de nada.
Um "passa-tempo" qualquer
para alguém que espera
o tempo simplesmente passar .

Afinal , bem pouco nos resta
senão passar .

AOS BRAVOS QUE SABEM DIZER NÃO

Resistir :
ao sol
ao vento
ao frio .

Aos homens
resistir .

BREVE OLHAR

Andamos de bicicleta
beirando o rio Itajaí-Açu
contornando o Morro da Cruz
admirando o mar de Cabeçudas
a Barra , o Bico do Papagaio ...

Pedalando e sendo feliz
Itajaí torna-se pequena
pra mim , pra ti , pra nós
que pedalamos
olhando a vida e as coisas .

PRISIONEIRO DO TEMPO

E o desespero bate
e nada tem data .
Meu relógio não tem ...
nem tempo , nem data .
Meu pulso não tem ...
nem sangue , nem data.
E nada mais tem ...
e nada tem data .

E o desespero bate...
e nada tem data .

SOLIDÃO

Contraditoriamente
a multidão estava só.

Ela com seus milhares,
rumando para o consumo
só...

Desenvolvendo-se maquinalmente
como que abandonada à própria sorte,
só ...

Ela com seus milhares,
- em fila, dispersos , amontoados... só!

A multidão estava só .

CIDADANIA

Os políticos
não valem ...
Paguem
e calem .

Paguem
os políticos ...
Valem
mas não calem .

Calem
os políticos ...
Não paguem
mas valem .

Os políticos
valem ...
Paguem
e calem .

Os políticos
não valem ...
Não paguem
mas , também não calem .

DESEMPREGO

Aquele terno
vestiu seu dono ...
folheou,
leu o jornal,
em busca de emprego .
Sentou debaixo
da figueira centenária
entre aposentados, mendigos e hippies
habitantes da Praça Quinze.
Fumou um cigarro Carlton
e depois ...
sangrou documentos
diante do chefe
da secção de pessoal .

DOUTORES DO NADA

Seu professor,
eu preciso de um diploma
pra ser chamado de doutor .
Por isso qu'eu te aturo
não dou murro , não urro .
Eu decoro - não aprendo
Eu copio - não pesquiso
Omito - não participo.

Seu professor,
eu sei que não sei
Já aprendi que não vou aprender.
Mas, por favor,
eu preciso desse diploma
O danado do canudo
Qu'eu quero ser chamado de doutor.

Por favor, seu professor,
me faça doutor .

TRAGÉDIA HUMANA 1

A casa foi limpa

O quarto foi limpo

A sala foi limpa

Os móveis foram limpos

Os lustres, os azulejos

os objetos todos...

Mas , o cotidiano

Ah ! o nosso cotidiano ...

Dele , um cisco sequer

foi retirado .

TRAGÉDIA HUMANA 2

Oito horas ...
a família dorme .
Nove horas ...
a família dorme .
Dez horas ...
a família dorme .
Onze horas ...
a família dorme .
Doze horas ...
a família dorme .
Treze horas ...
a família dorme .
Catorze horas ...
a família dorme .
Quinze horas ...
a família dorme .
Dezesseis horas ...
a família dorme .

Qualquer hora
Qualquer família...
dorme .
A família dorme
o eterno sono
de apenas sobreviver .

TRAGÉDIA HUMANA 3

Sala de visitas :
poses bonitas
perguntas gratuitas
olhares agoniados
palavras soltas
gestos educados
ou treinados (?)

Sala de visitas :
encenação perfeita
do casal unido
da casa limpa
da mulher companheira
do lar ... doce-lar .

Sala de visitas :
café servido
sorriso dado
olhares perdidos
alegria forjada .

Sala de visitas :
cartão postal
daquilo que poderia ser
um verdadeiro lar ...
doce-lar .

FIM DE UMA TRAGÉDIA

Aqui nesta casa (quando nova)
morava uma família .
Todos os dias a mãe berrava com as crianças ,
o pai saía apressado de casa
levando os filhos para a escola ,
a empregada lustrava os móveis,
limpava o chão, fazia o almoço .

Aqui nesta casa (já velha)
morava uma família .
Todos os dias a mãe chorava
sobre o álbum-de-família ,
o pai balançava em sua cadeira de palha,
esperando os filhos que não mais retornavam.
A empregada ficava sentada , esperando ,
que na triste casa acontecesse alguma coisa
diferente que lhe permitisse tirar o pó de todos os
móveis,
arrumar a cama ainda desfeita
do último filho que se foi ...

Aqui nesta casa (simples casa)
morreu um casal .
E neste dia todos os filhos voltaram
e choraram tanto quanto brigaram
pelas escrituras, pelas jóias, pelos talheres,
pela posse de tudo
menos dos corpos de dois coitados
que sonharam , aqui mesmo nesta casa ,
em cobrir de risos
os passos dos filhos em regresso
[agora, com os braços a carregar
outros braços]
alguns tropeçando na inocência
da antiga vida que viveram
aqui nesta casa...simples casa .

OPRESSÃO

É do povo
aquilo que é permitido
ao povo .

É como ter
visão aguçada
estando confinado
em um cárcere .
É como ter
o domínio da retórica
tendo a língua decepada .

**É do povo
aquilo que é permitido
ao povo .**

O SISTEMA

A marca vacinal
nos braços de todos nós
revela a dose condicionante
do sistema atroz .

A agulha
é como ferro quente
que encostado a nossa pele
esculpe a marca do dono .
Chego a ver
número e série
nesta ferida desenhada
em nome do grande leviatã
 [o poder público].
Nas sete picadas
vejo sete lições
e outras tantas condições .

A marca vacinal
nos braços de todos nós
revela que fomos marcados
 [como gado]
em nome da saúde pública .

CIDADÃO SEM CIDADANIA

Hoje eu falei com um amigo
que foi preso .

Não bebeu
Não matou
Não roubou
Só pensou que ...
Só falou que ...
E foi preso .

Nunca bebeu
e voltou como bêbado .
Nunca matou
e voltou como morto .
Nunca roubou
e voltou sem nada .

Hoje eu falei como um amigo
que foi preso
por simplesmente pensar
que...

O OUTRO LADO

As sombras

são metade de todos nós .

Precisamente aquela metade

que escondemos diante do espelho

que evitamos na porta da igreja

que desrespeitamos nas camas de prostíbulos

que buscamos para nos enaltecer

que pisamos para não juntar

que negamos ...

A TI QUE UM DIA FOSTE PURA

Banho de sol

Cabeçudas

Banho de sol

Areia suja

Banho de sol

Bicho-do-pé , micose ...

Banho de sol

Banho de mar

Esgoto público

Cabeçudas .

UM DIA CHOVEU

Não troquei
mas troca houve :
bolinha de gude
por equações matemáticas ;
luta de espada , cabanas,
bandido e mocinho , pega ladrão
por aulas de ciências .

Não troquei
mas troca houve ...
e chapinhar as poças d'água
formadas no meio da rua
por uma enxurrada de final de tarde
passou a ser apenas um pensamento
daquele menino [triste menino]
preso a uma sala de aula.

Minha rebeldia , então ,
era olhar a chuva
[caindo macia lá fora]
e segredar para mim mesmo
bem de mansinho [como que conspirando]
matemática ? ah , essa eu não aprendo,
nem me matando .

Pegadas na areia

É inverno...

O sol teima em dar forma a tudo,
enquanto o vento faz flutuar mais uma folha
que também teima em querer cair.

As folhas secas e avermelhadas
caem silenciosas sobre a areia esquecida
da praia de Cabeçadas .

Aqui, onde a natureza contempla
a si própria
a vida se harmoniza
até na morte dos elementos

[uma folha que cai!]

Ao longe
um barco pesqueiro adentra à barra
do rio Itajaí-Açu.
Um pescador segura sua carretilha
na espera ...
enquanto o mar bate cadenciado
na areia complacente .

Aqui estou eu ...
Penso e falo comigo.
Eu, mostrando a mim mesmo
minhas verdades e mentiras .
Há um enfrentamento :
dúvidas e contemplação .
Vou me marcando com idéias ,
como marco com o formato dos meus pés descalços
a areia flébil de Cabeçadas.

ESPERA

onde andas ? - longe dos meus olhos que te amam...

onde andas ? - longe do meu coração que te
reclama...

onde andas? - longe do meu corpo que te pertence ...

onde andas ? - que meus passos não te alcançam

meus ouvidos não te ouvem

meus lábios não te tocam.

Minhas mãos, então ...sussurram gestos

no vão da tua ausência .

AUTO-RETRATO

Quem sou ?

sou um pensamento que passa ...trôpego

Uma idéia que olha ...[flerte lânguido, voluptuoso
da janela entreaberta para o passado]

Quem sou ?

Menos isso , menos aquilo ...

Forma indefinida pelo desejo de ser mais

Menos isso , menos aquilo...

Pensamento incontido que vaga entre mentalidades
assombradas pela **condição humana**

Todo utopia

[não aquela de lugar nenhum]

mas a do sonho que vivo

sendo eu mesmo .

ANGÚSTIA 1

Ser pai

É ter mais um pé na estrada

Mais um coração

Quatro olhos maravilhados a cada segundo

Quatro mãos gulosas pela vida.

Ser pai

É ser dois

É ser Eu e Tu,

sujeito e objeto

Ser pai

É completar-se ,...

ser maior na angústia de viver

ANGÚSTIA 2

Quando tu sofres
tua dor dói mais forte em meu peito de pai.
A noite em que gemes
meu corpo treme
minha mente vagueia sonâmbula
 [suspensa pelos tênues filamentos
 de teus ais...]
Teus minutos de sofrimento são como farpas afiadas
 [agulhas...]
penetrando-me à velocidade da luz
 [insistente e ininterruptamente...]

Na noite em que sofres
meu amanhecer é mais tardio
Não há sequer estrelas suficientes no firmamento
para que possa contá-las
 [como se fosse possível fazer o
 tempo passar...]

No meu peito de pai
não cabe sequer um dos teus ais
A minha angústia resume-se nisso :
teu breve balbuciar de dor
é imensuravelmente maior do que meu peito...

FUTURO

Deixei meu passado
na esquina de ontem ;
no apagar das luzes
de um sonho qualquer ;
no abraço de um amigo
que há muito já se foi...

Deixei meu passado
contigo que me patrulha ;
no último gole de cerveja
naquele bar à beira da estrada das Laranjeiras ;
no riso solto daquele menino que soltava pipa
e amassava prego no trilho da maria-fumaça...

Deixei meu passado
ao pegar em sua mão;
ao mudar de endereço,
trocar de roupa e de opinião...

Deixei meu passado
na frente de casa
como lixo...
que antes de ser coletado
é remexido por gatos e cachorros vadios .

SUBVERSÃO

Há pressa em se ter pressa .

Corremos apressados

pressionados pelos ponteiros de um relógio

que tudo pode e tudo exige.

Os homens , como bichos acuados,

correm no ritmo dos ponteiros

de um cotidiano que não tem fim

ou sentido .

E como guerrilheiros futuristas

ficamos à espreita

roubando da vida alguns momentos.

Dos dias furtamos segundos

na esperança de um dia vivê-los

com toda a intensidade de quem

já não precisa ter qualquer pressa.

Há subversão em não se ter pressa !

SAUDADE

Quando ouvires meus sussurros
sendo levados para além de teus ouvidos.

Quando olhares minhas lágrimas
sendo precipitadas em outros ombros
que não os teus.

Quando perceberes minhas mãos
acenando um adeus cada vez mais distante
e quanto mais distante , mais real.

Quando sentires que a ausência
do meu corpo é saudade...

lembra-te que a culpa não será tua ,
tampouco minha , mas nossa .

Assim como serão nossas
todas as lágrimas e lembranças .

E quando sentires a ausência do meu corpo
chama por mim ...

Neste momento , tenho certeza,
as lágrimas que escorrerem
no teu rosto responderão : estou aqui !
só que agora me chamo saudade .

RESISTÊNCIA

Assim age a ditadura :

calando as vozes, submetendo consciências;

fazendo em nome de todos , o que interessa a poucos:

Mas que coisa extraordinária

Se a maioria cala

Se a maioria amolda-se

Se a maioria cabisbaixa caminha em ordem...

Uns poucos não calam

Não se amoldam ou baixam suas cabeças.

Estes se transformam em muitos:

em quantos forem necessários !

Há em cada um destes resistentes

a força da liberdade de cada um que se omitiu.

Uns, então, são muitos...

heterônimos da resistência .

DESCARTÁVEL

As ondas roliças
rolam...

Fortes, determinadas
dobram...

Dobradas, chegam às praias
povoando-as de insetos-plásticos
[frascos com prazeres extintos, finitos,
descartáveis, renováveis,...]

A sociedade de consumo colhe seus frutos-plásticos
[bumerangues envoltos em piche, retornando a
proprietários que não os reconhecem mais].

O recipiente de desodorante que chega à praia
rola, leve e solto, por entre os pés de um banhista
que acaba não percebendo que aquele objeto
continha todos os seus antigos prazeres-plásticos
[já há outro frasco, perfumado,
na prateleira de seu armário...]

Assim também são tratadas as idéias,
as doutrinas, as filosofias, os conceitos, as
opiniões.

E assim também são os homens...
dispostos em prateleiras, vitrines,
como mercadorias em estoque
utilizáveis, descartáveis,
irreconhecíveis [se conveniente]

Olho o mar e penso :
em que praia serei jogado ?
Sob os pés de quantos passarei anônimo ?
Apenas uma idéia me atormenta :
que motivos teria o sistema para me poupar
se em nome dele não poupei nada ou ninguém ?

SINE DIE

há um calendário na parede
da minha vida
contando dias , meses e anos,
registrando fatos, datas e luas,
sentimentos e frustrações...

Nega-me , contudo,
o dia da minha morte .

Aguardo , como todos ,
suas revelações .

FEITO TEMPESTADE

E dentro de mim
os pensamentos armaram-se como tempestade;
como a visão de um grande tornado cinza-escuro
na linha do horizonte de minha vida.
Pensei, então, sobre o porquê de ser das coisas...

Assim é o momento em que o ser
toma consciência de si próprio :
conversa consigo até no conversar com os outros,
ou no atravessar solitariamente a rua...

A conversa que cada pessoa tem consigo mesmo
é o cordão umbilical que liga a vida à morte.
Aquele que não dialoga consigo, não existe:

[já morreu, ou então está eternamente
por nascer...]

Tomar consciência de si é envolver-se em tempestade.

A DOR DE PERCEBER

Minha infelicidade falou mais alto
do que os meus hábitos cotidianos :
não fui em casa almoçar
não fui em casa te ver

[as paredes de sempre e seus objetos].

Na mesa de um restaurante ,
que me permaneceu anônimo ,
fiquei vasculhando nosso cotidiano
em busca de algo sensato,
de alguma coisa que tivesse valido a pena.
Encontrei tecidos rotos, pedaços disformes,
uma grande colcha de retalhos

[cerzida com lágrimas].

A colcha do que fui cotidiano...
Agora, um pouco mais infeliz
por perceber.

LIBERDADE

Teimo em falar por que existem bandeiras.
Há sempre uma guerra onde se pode morrer
e um lado para se defender apaixonadamente.
Assim é que sou...

O que sou está no cuspir,
no odiar e amar,
no berrar e no clamar por liberdade.

Liberdade é o que sei de mim.

Liberdade é querer pra todos.

Liberdade é poder dizer.

AMOR

É porque te amo

que te digo tudo :

mesmo que apenas com sussurros.

É porque te amo

que te vejo toda :

mesmo que à meia-luz.

Do contrário...

não diria sequer que te odeio.

Simplesmente passarias indiferente entre tantas.

Mas, entre tantas

és tu que amo.

e só por isso te percebo [toda]

e a ti me revelo [todo].

AOS SIMPLES

Ah, justiça humana
gloriosa mentira,
pérfida, desleal .
Quanto deves a ti mesma ?
Quanto roubaste de ti própria ?

Por que vestes as fantasias douradas
de reis e governantes ?
Por que vestes as togas
de juízes prepotentes e tendenciosos ?
Por que habitas as bocas
dos senhores 'honrados'
doutores em prevaricar ?

Nasceste para tutelar a posse da terra
e aos pobres servir de doce mortalha.
Da cerca de arame farpado,
[que nega a milhares de famintos
o direito de trabalhar para sobreviver]
és a estaca mais forte .

Às galés acorrentas os pulsos dos destemidos,
dos que ousam dizer não a doutores e tiranos.
Esfolas as costas nuas dos que se rebelam
contra a servidão.
Guilhotinas o corpo de quem ousa divergir
da tua suprema sabedoria .

Ah , justiça humana
gloriosa mentira,
sempre pérfida .
Nasceste para prevaricar
Para proibir as legiões de desgraçados
a gritarem por liberdade .
Enclausuras nas masmorras seculares
os que roubam para não morrer de fome.
Proteges os plutocratas, os ávidos pelo vil metal.
És, por si , a tradução completa de pleonexia.

Representada por um corpo de mulher
[belo, perfeito, sensível, sedutor]
desnudada, és uma medusa implacável
cujos olhos, por trás das vendas,
petrificam todos os sonhos da humanidade
por igualdade, liberdade e fraternidade .

Na balança que carregas em uma das mãos
vendestes nossas esperanças.
Trocaste nossa liberdade
por algumas poucas moedas de cobre.
A verdade vendeste em um programa de televisão
e a fraternidade, ah ! a fraternidade...
passaste o fio da espada que carregas na outra mão.

Ah , justiça humana
gloriosa mentira,
sob teus pés tomba inerte a igualdade.

Calas diante da opressão.
Calas diante da posse.
Calas diante da guerra e da prepotência das nações;
da injúria e da humilhação;
da fome e do desperdício;
da irracionalidade do interesse individual
[sempre vil, mesquinho ...]
ou da racionalidade do interesse coletivo
[sempre distorcido por líderes espertos...]

Tirana ! Mentirosa ! Hipócrita ! Desumana !
Falsa ! Insana !
Só não consegues fazer parar
a lágrima solitária e calma
que escorre pelos meandros da face
daquele cidadão correto e ingênuo
que jamais deixou de acreditar em ti.

NIILISMO

Estou triste.
As pessoas são mesquinhas, vis, sem propósito.
E eu também.
Nos reunimos [todos os seres humanos]
para não termos propósitos.
Frenéticos, loucos, ávidos,
esgravatamos o tempo na busca colérica dos porquês.
Neste garimpo insano
o máximo que conseguimos é misturar
os segundos às horas, os dias aos anos,
e fazer disto uma incompreensível química
[o soro de nossa existência fútil].

Estou triste
porque tanto faz eu dizer sim ou não;
falar ou ficar calado;
rezar ou ser ateu.
Estou triste
porque tanto faz eu ir ou ficar;
ter ou estar.

Tanto faz...
se a bomba cai aqui ou acolá
se é de napalm ou atômica
americana ou soviética.
Tanto faz
quando você jogar as sobras do banquete no lixo,
quem vai pegá-las:
as moscas, os cachorros vadios,
ou as famílias famintas que moram ao seu redor.
Tanto faz
berrar ou calar,
que a vida por si se faz.
E se ao contrário
ela vir a se desfazer
tanto faz...
Porque na morte
tanto faz !

O FLORESCER DAS AZALÉIAS

Vivo Itajaí com intensidade, intimidade.
Com o indisfarçável prazer de quem
habita uma (pequena) cidade do interior.

Tenho consciência de suas transformações.
Sob os meus pés os paralelepípedos disformes
vão dando lugar ao asfalto homogêneo,
neutro e sem vida,
enquanto os velhos casarios coloniais sucumbem
ao som estridente do bate-estaca da grande
construtora.

Itajaí, sob os meus pés cotidianos
[diante dos meus olhos cotidianos]
desfaz-se rapidamente do seu passado
em nome do progresso e da modernidade.
Desapareceram as bandeiras do "Dinamarca"
enquanto o "Trud's bar" apenas teima em permanecer
sempre um instante mais...
[o tempo vencerá suas resistências?]

Mas, entre edifícios e avenidas
ainda persistem alguns clarões de nostalgia
na rua reconhecemos as pessoas,
seus passos e gestos,
enquanto assistimos maravilhados
o novo florescer das azaléias
na avenida Marcos Konder .

VENTO TACITURNO

Há um drama em cada esquina
onde as civilizações se mutilam
onde os homens se esfolam e
rasgam-se na inconformidade do ter.

Há um beijo em cada boca [condicionamento]
transformando homens livres, criativos,
em infelizes burocratas
mediócras, inúteis, plenos na escravidão.

Há uma lição em cada escola
transformando a criatividade em padrão.
Crianças andando em fila, uniformizadas,
feições tristes de quem já não consegue
ver o seu futuro.

Há um drama em cada esquina:
os homens são todos infelizes, pois
não sabem mais inventar a vida.
Vivem o que podem
e passam ...
como uma breve rajada de vento.

INDIFERENTES

Outra pessoa
tão misteriosa quanto sou para mim mesmo.
Outra pessoa
que anda na nossa frente na rua
sem poder se revelar, sem poder dizer:
- sou eu, aquela...

Outra pessoa
Outra qualquer que não sabemos quem é
que anda ao nosso redor
vive no nosso mundo, respira nosso ar.

Outra pessoa
que povoa nosso cotidiano
impressiona nossos sentidos
e nada representa.

Outra pessoa [milhares, milhões]
indiferente a nossa indiferença.

Como multidão não queremos correr o risco
de reconhecer ou sermos reconhecidos.
somos um exército sem nome,
sem sentimentos, sem dor...

Somos, cada um e todos nós,
a outra pessoa ... outra qualquer
sempre indiferentes à indiferença.

AMANHÃ [E SÓ AMANHÃ] SEREI FELIZ

A felicidade está na próxima esquina

Na próxima cerveja

No décimo-terceiro salário

No weekend à beira-mar.

A felicidade está no próximo passo

Está exatamente onde não estou

ou para onde nunca vou

A felicidade ...

INTROSPECÇÃO

Em certos momentos
é importante negar a presença do outro.
As coisas do mundo

[e o outro em sua vida]

às vezes estão sobrando.

Ficar só

[em certos momentos]

mais do que prazer,
é dever daqueles que pensam.

Ficar só

é marcar encontro com a humanidade.

Mais do que egoísmo, é doação.

Ficar só [para estar com todos]

é uma mágica que só realiza
quem pensa um mundo melhor
para todos.

REALIDADE VIRTUAL

Por que não leio romances ou vejo novelas?
Sei lá, talvez porque vivo em um país que me revela
um drama em cada esquina,
uma tragédia em cada barraco.

[há fome, miséria, analfabetismo...]

Parece-me excentricidade sofrer, chorar,
preocupar-me com personagens de ficção,
quando ao nosso lado, milhares,
realmente, padecem em um calvário cotidiano
imposto pela insensibilidade daqueles que
diante da televisão têm hora marcada para
compadecerem da humanidade.

A novela das oito torna a todos,
indistintamente, sensíveis e apaixonados.
A ficção lava a mão de todos os Pilatos !
É confissão, é esmola cristã, é perdão.
Diante do personagem que sofre - sofremos todos,
para não precisarmos depois, na vida real,
chorarmos o infortúnio de um mendigo que está
deitado na calçada, coberto por jornais,
em cujo corpo até as moscas hesitam em pousar.

Você que chorou às oito - lavou sua alma.
Melhor assim, posto que tudo seja ficção
pois a realidade é descolorida e não tem graça.
Enquanto o choro coletivo está restrito aos lares,
tudo lá fora continua como sempre,
tudo no seu lugar, como se fôssemos felizes.
Nada nos perturbando até a hora de chorarmos
novamente defronte a um aparelho de televisão.

Este Brasil, que chora em vão,
um dia terá a consciência de lutar por pão ? !

PRISIONEIRO DAS APARÊNCIAS

Tristes vidas

Tristes náufragos.

Vidas sem vida

Náufragos sem mar.

O que afinal somos ?

Pássaros - que apesar de presos cantam ?

Náufragos - que apesar de exaustos respiram ?

Pior ! Muito pior !

Somos escravos e não temos senzala

Somos prisioneiros e não temos algemas

Somos náufragos em um cotidiano de lamentos,

enganos e aparências.

Tristes vidas ...

cotidianas, rotineiras.

CURRICULUM-VITAE

Meu Deus, que mancada !
Acabei entrando no esquema
correndo feito doido
atrás de dinheiro, status, posição.

Criei novas necessidades novas.

Onde está o céu azul que um dia
vi sobre minha cabeça ?
Onde está o mar verde-azul, bravio ?
Onde estou ?

Meu Deus que mancada !
Onde está minha utopia, meus sonhos ?
Como posso tê-los trocado por um currículo ? !
Não me reconheço
são tantos os títulos, os cargos, os diplomas
que mal tenho espaço para mim, em mim.

Que mancada !
Sou agora apenas um belo currículo
Desfazendo-me da vida - suas alegorias e paixões.

Hoje ando pela areia da praia
com sapatos de couro e calça de linho
e não me reconheço
que mancada!

TÉDIO

Nosso existir é longo martírio
sem deixar de ser curto:

[um suspiro na eternidade]

Somos como uma folha seca caindo ao chão
levada pela brisa da manhã.

Queria poder ser insano
com moinhos criar monstros
e lutar contra todos para salvar-te de nada.
Teríamos, então, emoções
e já não sentiríamos tanto tédio.
A loucura nos tornaria menos previsíveis
e o cotidiano seria pura invenção e risco.

Nosso existir é longo, é curto .
Há tempo para tudo fazer
e depois, há tempo para brincar de desfazer .

ANGÚSTIA ETNOCÊNTRICA

Já é tarde
e o relógio espera por mim
para também adormecer.
Amanhã é um novo dia
e o cotidiano não aceitará minhas desculpas
pelo atraso inevitável.

Já é tarde
mas ainda é cedo para quem tem seu peito oprimido
pela angústia de viver.
Largo meu corpo no chão da sala,
entre alguns livros de Fernando Pessoa e Oswald.
O cigarro aceso, descansa sobre a borda
de um cinzeiro improvisado com o papel
contendo os rabiscos de um verso recusado.

Ali no chão, entre livros e discos de "o guarani"
reclamo obstinado pelo sentido da vida.
Vagueio entre Marx e Cristo , Gramsci e Nietzsche.
Mas já é tarde
Estou impregnado de racionalidade
envolto por todas as armadilhas
de um etnocentrismo mal disfarçado e dissimulado.

UTOPIA

Meus versos cotidianos
foram cuspidos dos bolsos da calça **lee**
surrada e poética.

Ali, entre o título de eleitor,
carteira de identidade e uma nota
de mil cruzeiros amarrotada e sem valor,
germinaram como trigo [ou joio]
os meus versos cotidianos ...

Queria poder transformá-los em granada
que a esmo cuspe seus estilhaços.
Queria poder fazê-los fortes, como um berro,
ou um soco duro sobre a mesa
da santa-ceia dos poderosos.
Queria poder construí-los como abrigos
para guardar todos os despossuídos
e os desvalidos.

Os meus versos cotidianos
agora habitam gavetas
onde traças devoraram
meus sonhos de revolução.

FELICIDADE

A prostituta sorria
e o homem sem rosto e sem nome também ...
Felizes, os dois,
esperavam o almoço
numa mesa de bar,
no canto da vida .

Ele sem nome
Ela sem lar .
Felizes !

FUGA DESESPERADA

Estou cansado de viver assim enquadrado,
sempre certo, cem por cento correto.
O verde está longe e os pássaros sequer cantam.
Estou tão afastado da vida, que chego a ficar feliz
ao ver um canário preso em uma gaiola.

Estou cansado de dar passos
sobre esta calçada cinzenta, fria e indiferente
de uma cidade que não me sente
e sequer percebe a minha existência.

Caio em um vazio existencial
por insistir em pisar sempre
sobre os mesmos paralelepípedos,
desses mesmos becos,
de uma vida sem saída.

Quando criança, pelo menos existiam os trilhos
da estrada de ferro, as lutas de espadas,
e a convicção de que nada deveria ser feito
porque a vida só começava aos dezoito.
Mas agora é diferente: tenho trinta e oito anos
e já não posso amassar pregos no trilho do trem
ou lutar de espadas com o bando inimigo.

Tenho que andar em linha reta
tomar decisões retas
ter uma vida reta.
Quando criança corria com o tempo.
Agora corro contra o tempo
desesperadamente ...

INSONOLÊNCIA

De toda esta insatisfação
resta-me a certeza de poder transformar, criar...
de inventar uma vida que ainda não existe
que me resgata da lúgubre missão
de permanecer petrificado sem porquês.

Abro mais um livro em busca de palavras.
O domingo está calmo e o inverno no seu final.
A tarde chuvosa esvai-se preguiçosa.
Há até algumas roseiras florindo, capim crescendo,
e um cachorro vadio esperando
não sei por quem ou o quê.

Já é madrugada.
Todos fazem o pacto do silêncio
e as famílias adormecem mutiladas pelo cotidiano.
Faço versos na frente do computador, com lápis,
para contrariar o homem e seus grandes feitos.
Amanhã o povo irá refazer-se em um grande plesbicito
e o Brasil que já foi de Fernando Collor
poderá ser agora o Brasil de Fernando Henrique.

E eu apenas passo
por mais uma noite que sequer tentei dormir.

POR ENTRE EMOÇÕES

Sentado no canto do bar
o poeta observa prostitutas, drogados e boêmios
como que garimpando por entre a tragédia humana.
O poeta é um bandeirante do cotidiano
um garimpeiro na tragédia
um semi-deus entre a escória
um imortal entre todas as divindades.

O poeta é principalmente um alquimista
que tudo transforma em emoção.
Sequer percebe a diferença entre
amar e odiar , sofrer e ter prazer.
basta-lhe ter sentimentos,
quaisquer que sejam eles.

A consciência do poeta é o verbo:
tudo reduz à palavra.
Silenciado - esculpe seu silêncio na fumaça
de mais um cigarro.
Encarcerado - faz de paredes sujas
alvas folhas de papel.
Recusado - faz companheira de sua solidão a
palavra.

O poeta é um astronauta que vaga
na vastidão das emoções humanas.
Desbravando emoções, o poeta vai longe...
Entre um copo de cerveja e rabiscos rápidos
em um guardanapo já usado
registra a emoção :
do bêbado que já não sabe de si ;
da prostituta e do drogado que preferem não saber de
si.

MINHA TERRA

Que poeta serei se não cantar minha terra ?
Canto Itajaí, na santa e bela catarina,
por condição de vida...

[sequer há exigências]

Dei muitos passos por tuas calçadas e ruas.
Muitos olhares meus perderam-se
por entre a neblina de tuas noites frias de inverno.
Muitos sonhos meus foram afogados
na praia de Cabeçudas...
e tantos outros foram para o mar
junto com a água veloz do Itajaí-Açu.

Quantas lágrimas minhas aumentaram este mar.
Quanta tristeza minha ficou impregnada neste ar.
Itajaí ! Guardas meus suspiros e minha insônia
em tua caixa do tempo.
Sem ti, terra minha, sou poeta sem passado
e sequer tenho feitos ou versos.

És a madeira na qual fui talhado
O elemento onde fui esculpido
A rocha onde meu destino foi escrito
...ou abandonado !

NÓBREGA FONTES NO 'DINAMARCA'

Bar "Dinamarca", uma imagem
que guardo, nítida, quase real.
Suas bandeiras ainda tremulam livremente
como se estivessem nos mastros dos navios
de longo-curso.
Ali, o "Genésio de Miranda Lins" ergue-se,
mas as recordações insistem em ficar.
Há uma possibilidade de se viver Itajaí
com uma visão caleidoscópica, resgatando o tempo.
O "Dinamarca" não morre jamais...
perpetua-se no pequeno desenho de Luís Jasmim
e na alegria de Nóbrega Fontes
em conversar com dona Martha.

Eu era jovem e as noites eram sempre de inverno
pois somente o inverno nos trazia,
do Rio de Janeiro, Nóbrega Fontes.
Ele nunca vinha só:
vinha com o vento frio, vestido de neblina
carregando todas as artes,
de todos os "festivais de inverno".

Seu porto era o "Dinamarca"
sua nau - as artes
seu mar - um oceano de idéias.

O "Dinamarca" era então sua pátria ?
Fazia-se abrigo - fazia-se porto!

E hoje ainda vejo o "Dinamarca"
por entre os mármorees de um edifício,
porque este passado não passa, não morre
porque este passado ainda é pleno
dentro de mim.

ABRIGO

Um dia morei em Curitiba.

Outro , morei em Brasília.

Um dia cheguei ao Rio de Janeiro.

Outro, estava em Florianópolis.

Tijucas viu minhas pernas crescerem

- um pouco.

Balneário Camboriú quase me levou de vez...

Mas foi aqui que nasci

- lá pelos lados do "São João"

e foi para cá que sempre retornei.

Itajaí sempre foi meu porto.

Mais que estação de partida

foi abrigo na chegada.

RESISTINDO

Não basta dizer
Não basta falar ...
É necessário falar alto.
Mais! Muito mais alto!

Faz-se necessário berrar.
Berro pelo mundo
porque há destruição, desequilíbrio.
Berro pela humanidade
porque há genocídios, guerras fratricidas.

Não basta dizer...
Faz-se necessário um grande berro.
O berro da minha boca justa
O berro de todas as bocas justas.
Porque o homem virou lobo
fazendo do poder um objetivo em si.

Não basta falar...
O berro tem de ser maior que a boca
 pois a injustiça é maior que o injusto,
 a opressão maior do que o tirano.
Berro livre, que ecoa pelos grotões
desse país que ensaia a modernidade.

BRISAS

Suave brisa que meu corpo encanta
trazes fragrâncias exóticas
de jardins que visitas sorrateiramente.

Envolves meu corpo na essência do jasmim,
e no final da tarde quente
trazes o fresco de todos os mares.

Suave brisa que meu corpo enleva
enlças o prazer com momentos leves
por entre um cotidiano irrequieto e vazio.

Brisa matinal que meus sonhos revela
trazes os cheiros do mundo.
És cometa que preguiçosamente transita
por entre todas as coisas...
e a todos renova.

DESESPERO NOTURNO

Trago agora no peito
toda a angústia de quem
senta-se à mesa de um bar
olhando o mundo lá fora passar.

Sobre a mesa uma cerveja
sobrevive e se renova
apesar dos goles insistentes...
Músicas de um passado parasitário
farpeiam-me.

Amantes dançam alegres
Amantes fazem juras de amor eterno
através de olhares e gestos suaves...

Lá fora a neblina faz parceria com o frio
E as luzes coloridas com a negritude da noite.
Bêbados são parceiros de seus passos trôpegos,
enquanto que carros cruzam a rua em busca
de mais um breve momento feliz.
Denise canta no palco do "bar-kriado":
["Eu quis lhe falar. Você não quis me ouvir..."]

As horas são as mesmas
[aquelas que amarguram minha existência vã]
Há sorrisos, gestos
gente que se faz feliz
esquecendo de si mesma
a cada gole
um pouquinho mais.

SAUDADES

Amor !

Onde andas que teus passos
não deixam trilhas?
tua voz sussurrante não é
mais brisa suave
remexendo meus cabelos.
Teus olhos castanho-claro
não são luzes
no final deste túnel
que se faz vida.

Amor !

Por que preferistes permanecer
apenas como um retrato na parede ?

Amor !

Quanto silêncio
por não haver mais amor !

LINHA DO TEMPO

O passado é uma fotografia
em preto-e-branco
onde todos [indistintamente]
estão felizes.

O futuro é uma garoa suave
e intermitente
que insiste em nos encharcar de esperança.

O presente. Ah ! O presente.
Este não é nada, simplesmente

TESTAMENTO

De próprio punho

lacro a história de minha vida:

- a meu filho deixo o nome;
- a minha esposa deixo um nome,
que no vazio da noite, poderá,
às vezes, ser lembrado com ternura;
- aos amigos deixo histórias;
- à terra deixo-me....

simplesmente.

EPITÁFIO

Morri !

CURRICULUM VITAE

Hélio Floriano dos Santos,
Cidadão itajaiense.

SOLIDARIEDADE

Sempre fui daqueles
que ousaram sonhar.
Por isso mesmo
nunca mantive ilusões
acerca de nada ou de ninguém.

As pessoas são vãs
e isso agora, parece-me até ser uma coisa boa
que elas carregam consigo.
Vazias de si próprias
resta às pessoas encherem-se de outras pessoas.

Sou daqueles que existem para serem solidários.
Sem o outro [não tenho ilusões]
não há sonho possível...
sequer pesadelo.

PROLE MULTIMÍDIA

Pluguei meu filho na INTERNET
e ele saiu pelo mundo afora
pulando na ponta dos dedos de suas mãos.

Tivesse nascido em outros tempos
estaria jogando bola na rua,
[ou no campinho de cepilho]
tomando banho de chuva
e chapinhando com os pés nus
as águas represadas no canto da rua
em uma final de tarde de verão.

Agora a chuva é virtual
assim como serão os filhos,
logo ali na frente.

FELICIDADE

Andando pelas ruas de Itajaí
Nestas noites de inverno
Percebo a beleza que há em tudo
A minha volta.

Aquilo que nunca foi mostrado na televisão
Ou retratado em um cartão postal
É muito mais rico e belo:
tem vida, é real.
Tem cheiro e entorpece meus sentidos.
Torna-me andarilho da felicidade.

Ser feliz é isso:
Morar em Itajaí
Andar por suas ruas calmas
Envolto por uma suave neblina
Em uma noite fria de inverno.

PAPA-SIRI

Sou Papa-Siri.

Nasci pelos lados do São João
E aprendi a nadar no Itajaí-açu.
Cabeçudas tinha água límpida,
O carro-de-mola era o táxi que
Meu avô Doca conduzia com orgulho e cerimônia.

Sou Papa-Siri.

Nasci entre as pilhas de madeira da Castelli-Pasini
Entre galpões que perdia de vista.
No caminho até o Salesiano
Meus passos seguiam para o porto com seus
navios carregados de madeira e tratores
 como se fossem formigas.
Da rua Blumenau corriam furtivos becos e ruelas
que abrigavam os prostíbulos.

Itajaí,

Os teus sons guardo na memória: o apito do trem;
os apitos de todos os navios deixando o porto;
o badalar do sino da igreja matriz anunciando a
"hora do angelus";
As sirenes das madeireiras encerrando
mais um dia de trabalho;
Peixeiros em suas bicicletas,
ou com carrinhos-de-mão cobertos com folhas de
bananeira, berrando "olha o charuto"!

Itajaí,

Os teus gostos guardo na memória: Charuto frito,
farinha de mandioca para o pirão escaldado
A raspa do tacho da polenta
e o mussi de mamão verde da vó Zulmira.

Itajaí,

O que guardo na memória
É uma certeza completa
De que aqui...eu fui feliz.

METAMORFOSE

Nasci Hélio Floriano dos Santos
Vesti-me de Siqueira Bravo, Martinho Barbosa,
Pedro Pedrossiam,
e muitos outros heterônimos e pseudônimos
[máscaras para ludibriar os algozes
de uma ditadura insana].
Construí-me Magru Floriano.

REALIDADE

Acorda amor
Que a noite desistiu de ti
E o sonho de ser feliz
Não é mais possível.
O sol já bate à janela
Exigindo parte da casa
Para revelar as formas e contornos
De todos os objetos.

Acorda amor
Que sonhar já não é possível
Há vida lá fora
Querendo realizar-se.

A vida precisa de ti
Para existir.
Acorda amor !

HERÓI

A Odílio Garcia

Triste sina a de morrer pelos outros
Feliz sina a de morrer pelos outros
O fogo que lhe tirou a vida
Fez-lhe herói
Deu-lhe mais vida.

Será que chegou a ser uma escolha
A de morrer pelos outros ?
Ou será que foi apenas um impulso ?
Disso jamais teremos certeza.
Certo mesmo, é que um homem
No meio do fogo
Salvou a todos
E todos, hoje, reconhecem seu ato
Chamando-o de herói.

Teria sido escolha ?
Teria sido impulso ?
Triste sina...
Feliz sina a de morrer pelos outros.

VERSOS SOBRE O CÁRCERE

Fuzis atentos vigiam meu peito
Abrigo de um coração angustiado
Ao ver a pátria
Refém da prepotência e intolerância.

Cárcere cinza-metálico
Fardas desfazendo cidadãos
Não há flores, nem canções ou hinos
Sequer janela para olhar
O futuro prometido

Só chorar é permitido
Entre tudo o que está proibido
E o choro é convulsivo
- por mim mesmo - hoje não poderei ir em casa
 almoçar
- por minha pátria - que hoje não poderá dar a seu
 filho proteção

Uma palavra não dita
Permeia todas as intenções: RESISTIR
É preciso resistir.

Fuzis atentos vigiam meu peito
Fardas e armas
Ignoram minha cidadania
Mas, se só chorar é permitido,
Resistir é preciso.

CIDADANIA

O melhor lugar do mundo
É onde podemos falar.
Por mais trágico que possa
Ser determinado momento
Falar é a possibilidade
De existir futuro.

Não há esperança
Para um povo silenciado.

Falar é o melhor
Nem que se tenha os pardais como ouvintes
A relva como testemunha
O vento como emissário
O eco como aliado.

Que seja de qualquer jeito
Desde que seja mantida a fala.
Enquanto alguém
Estiver falando
Há esperança
Há indignação
Há espanto
Há vida e futuro.

O melhor é falar.
Se de tudo a arrogância apropriar-se
Se de tudo a prepotência desmanchar
Que reste a voz de um cidadão
Mantendo acesa a esperança
A certeza de haver futuro.

Seu silêncio é morte
Sua fala, esperança
Fale cidadão !

LEILA DINIZ

Lá vem Leila Diniz
Riscando as águas
Do Itajaí-Açu.

Lá vem Leila Diniz
Com seus braços abertos
Segurando grandes redes
Tecidas de esperança.

Lá vem Leila Diniz
Tendo ao fundo o céu azul-avermelhado
Abrindo a procissão de todos os finais de tarde
Traz consigo Lia, Olga e Elisa;
Beatriz, Anne, Caty e Bruna.

Lá vem Leila Diniz
Na frente de uma grande frota pesqueira
Que parte rumo à foz do rio Itajaí-açu
Para banhar-se no oceano Atlântico.

O dia está partindo
Leila também parte
É hora de pescar.
O mar está lhe esperando
O peixe está lhe esperando
O rio está lhe levando
Lá vai Leila...

COMPANHEIRA

Quando a tempestade vier
Quero estar ao seu lado.
E se ela não vier
Quero estar ao seu lado.

Que a tempestade, então,
Não seja motivo único
Para estar ao seu lado.

Que antes de abrigo
Seja prazer.
Que antes de apoio
Seja amor.
Que antes de tudo
Seja assim, desse jeito mesmo,
Ao meu lado.

Ao meu lado,
Que seja assim,
Na tempestade
Ou na bonança
que esse amor
constrói.

TEMPO PARA MORRER

A morte me concedeu tempo
para dizer adeus
para deixar rolar tranqüila
uma última lágrima.

A morte me concedeu tempo
para rever meus atos
rir dos meus defeitos e mancadas
sentir um pouquinho de saudade...

A morte me concedeu tempo
para escrever este último verso
testemunho final
de toda uma existência.

Agora sei como é morrer.
Não é muito diferente
do pular as pilhas de madeira da Castelli - adeus!
mergulhar nas águas do Itajaí-açu - adeus!
caminhar pela estrada sinuosa de Cabeçudas - adeus!
sentar à sombra de uma figueira - adeus!
te olhar, amor; te amar, amor - adeus!

A vida não passa de um tempo
que a morte nos concede
para que tenhamos tranqüilidade
e serenidade suficientes para
tecer uma única palavra:
A-D-E-U-S!